

**NASCIDO  
ESCRAVO**

**MARTINHO  
LUTERO**

Nascido Escravo - Martinho Lutero

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Biblioteca do Mundo, 1999 –  
Nascido Escravo Itabaiana/SE Amazon.com  
Clubedesautores.com.br, 116 p. ; 21 cm*

**ISBN:** 9781653446070

**Título do Original:** Born Slaves

1. Martinho Lutero 2. Erasmo de Roterdã  
3. Salvação 4 . Graça 5 – Predestinação Título

*CDD 800*

*CDU 882-4*

**CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL**  
**-CGC 66.504.093/0001-08**

# **SUMÁRIO**

Prefácio à Edição em Português

Prefácio: A Questão

Apresentação: O Pano de Fundo do Livro e a Controvérsia com Erasmo

Capítulo 1: O Que Ensinam as Escrituras

Capítulo 2: O Que Erasmo ensinava

Capítulo 3: O Que Lutero Pensava

Sobre o Ensino de Erasmo

Capítulo 4: Comentário de Lutero

Post Scriptum: História Posterior da Controvérsia e sua Importância Atual

## PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Martinho Lutero, ao venerável D. Erasmo de Rotterdam, com os votos de Graça e Paz em Cristo”. É assim que Lutero introduz a sua obra De Servo Arbítrio, A Escravidão da Vontade, resposta à famosa Diatribe sobre o Livre Arbítrio, que Erasmo publicou em 1524.

Desidério Erasmo (c. 1466-1536) e Martinho Lutero (1483-1546) permanecem como dois nomes precursores do espírito moderno, e entre eles há algumas semelhanças. Esses dois gigantes intelectuais europeus protagonizaram no contexto explosivo, destinado a dissolver a unidade do mundo medieval. Havendo passado pela Ordem agostiniana, ambos vieram a rejeitar métodos hermenêuticos da Igreja Romana, bem como muitas de suas superstições e credices. Ambos ofereceram grande contribuição à disseminação do texto bíblico em sua época. Detentores de enorme capacidade para o debate acadêmico, erudito, e partilhando de talento literário, ambos escreveram acerca do “livre arbítrio”, embora com uma diferença diametral: Erasmo, o humanista, defendendo; e Lutero, o reformador, condenando. Isto marcou uma ruptura definitiva entre os dois homens, que, anteriormente, ofereciam-se mútuo encorajamento. Desde o debate de Leipzig (1519), os caminhos de ambos vinham conduzindo a rumos diferentes.

Publicado inicialmente em 1525, *A Escravidão da Vontade* é um primor de composição polêmica. Nesta obra transparecem com bastante evidência a personalidade e a franqueza dos sentimentos de Lutero. A força lógica e persuasiva de seus argumentos revelam a mente treinada na disciplina da escolástica medieval. O estilo polêmico de Lutero era o da época em que viveu e traduz o vapor existente na atmosfera acadêmica de então. Na obra original (tanto mais do que no sumário aqui apresentado), há ironias, asperezas, *ad hominem*s e alusões indiretas.

Não obstante, o leitor deve comparar o texto luterano muito mais com o bisturi de um resoluto cirurgião do que com a pena de um clínico em seu receituário. Na estima de Lutero, o tratado erasmiano era uma obra da carne. Contendo uma anamnese mal feita, partia de um princípio falso e oferecia um placebo para uma ferida mortal. Lutero repudia a *Diatribes* de Erasmo expondo a doutrina bíblica do pecado original. Sem um diagnóstico preciso acerca da enfermidade humana, não há como discernir de maneira apropriada o valor das boas-novas do evangelho da graça de Cristo. Em sua réplica, Lutero procede a um exame da questão.

Lutero acreditava na noção do cativo radical da vontade. Sem nenhuma dúvida, na doutrina da depravação do homem situa-se a pedra angular da Reforma. No coração da teologia de Lutero e da doutrina da justificação, está a sua compreensão da depravação original e da pecaminosidade do homem – que ele conheceu muito bem, mesmo como um monge asceta na Ordem agostiniana. O reformador está se qualificando para tratar do assunto da impiedade e da depravação.

O que é a verdadeira liberdade? Neste caso, vê-se também que o discurso sobre a condição servil da vontade não visa a outra coisa, se não ao discurso correto sobre a liberdade. Para Lutero, a livre vontade é um termo divino, e não cabe a ninguém, a não ser unicamente à majestade divina. Conceder ao ser humano tal atributo significaria nada menos do que atribuir-lhe a própria divindade, usurpando a glória do Criador. Lutero, assim, compreende que a pergunta pela liberdade da vontade no fundo é a pergunta pelo poder da vontade. Por isso mesmo, a livre vontade é predicado de Deus. É poder essencialmente específico do próprio Deus.

O atual ensino de muitos que protestantes está em maior acordo com os dogmas bíblicos, ou com as idéias de Erasmo, do que com os princípios dos Reformadores;

O que o leitor tem em mãos é uma versão condensada e adaptada, facilitando o acesso ao clássico texto luterano. Oramos sinceramente que o Senhor abençoe o leitor e que este, abraçando com fé o Eleito de Deus, Jesus Cristo, batalhe por manter sua Causa e sua Verdade nestes dias em que muito tem sido perdido. Que o livro seja um meio de edificação e fortalecimento para todos quantos desejam ser instruídos pelos oráculos de Deus!

## A QUESTÃO

A questão é: Possui o homem algo chamado “livre-arbítrio”? Pode um ser humano, voluntariamente e sem qualquer ajuda, voltar-se para Cristo a fim de ser salvo de seus pecados? Erasmo respondia com um “Sim!”. Lutero, com um ressoante “Não!” Lutero estava convencido de que o conceito do “livre-arbítrio” fere no âmago a doutrina da salvação exclusivamente pela graça. Precisamos ter a mesma convicção. Erasmo, o seu opositor, dizia: “Posso conceber o “livre-arbítrio” como um poder da vontade humana, mediante o qual um homem pode aplicar-se àquelas coisas que conduzem à eterna salvação, ou pode afastar-se delas”.

Este livro é a explanação de Lutero contra o livre-arbítrio. Mas consideramos este um erro de Lutero, este princípio da Reforma Protestante é espúria e por isto, nós, os evangélicos rejeitamos a doutrina da predestinação. A salvação é um ato de Deus, mas que esbarra na vontade humana, que mesmo não sendo totalmente livre, é o suficiente para que possa aceitar ou rejeitar a salvação em Cristo.

## APRESENTAÇÃO

### O PANO DE FUNDO DO LIVRO E A CONTROVÉRSIA COM ERASMO

Martinho Lutero escreveu “A Escravidão da Vontade” como reação aos ensinamentos de Desidério Erasmo. Nascido em Rotterdam, na Holanda, entre 1466 e 1469, Erasmo foi monge agostiniano durante sete anos, antes de viajar para a Inglaterra, onde foi motivado a aprofundar seu conhecimento do grego, chegando a produzir um texto crítico do Novo Testamento Grego (1516). Ele rejeitava os métodos fantasiosos de interpretação das Escrituras, bem como as muitas superstições dos mestres da Igreja Católica Romana. Rebelou-se contra a preguiça e o vício, comuns nos mosteiros.

. Ele era um humanista, pois acreditava que os homens podem conquistar a salvação aceitando Jesus e vivendo de acordo com o Evangelho. Erasmo acertadamente preferia uma abordagem simples do ensinamento cristão aos complicados e pormenorizados métodos dos teólogos profissionais. Ele evitava as controvérsias e, por longo tempo, não procurou tratar publicamente sobre o conceito do “livre-arbítrio”. No

entanto, ao fazê-lo, constituiu um desafio que Martinho Lutero não pôde ignorar.

Martinho Lutero nasceu na Saxônia (hoje parte da Alemanha) e era cerca de catorze anos mais jovem do que Erasmo. Enquanto ainda era monge, passou por uma dramática experiência com o evangelho da graça de Deus. A partir de então, compreendeu que cada crença e experiência precisa ser testada através da autoridade das Escrituras Sagradas. Ele entendeu que a salvação é recebida como uma graça divina, “mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). A sua própria experiência confirmou sua convicção.

Lutero era professor, teólogo e também pastor. Os membros de sua igreja sabiam que ele sentia o que pregava. Ele não era um erudito seco e indiferente. Ele sentia a pressão da eternidade cada vez que pregava. Isso o compelia, algumas vezes, a fazer coisas impopulares e, por vezes, até perigosas. Era alguém disposto a defender a verdade de Deus, ainda que fosse contra o mundo inteiro.

A princípio, Erasmo parecia ser um dos aliados de Lutero, visto que ambos rejeitavam muitos dos erros e falhas da Igreja de Roma. Todavia, Lutero desafiava cada vez mais o ensinamento romanista da salvação mediante as obras, insistindo que “o justo viverá por fé” (Rm 1.17). Entrementes, Erasmo continuava na Igreja de Roma, e, como era um erudito, cedeu à pressão de sua igreja continuou a defender o ensino do “livre-arbítrio”. Desafiando a solicitação de Lutero para que não fizesse tal coisa, Erasmo publicou sua “Discussão Sobre o Livre-

Arbítrio”, em 1524, tendo escrito a Henrique VIII nestes termos:

“Os dados foram lançados. O livrete sobre o ‘livre-arbítrio’ acaba de ver a luz do dia”.

Este fato levou Lutero a declarar que Erasmo era um adversário da fé evangélica. Deus controlou soberanamente a intensa luta entre esses dois homens, para benefício de seu reino.

A Escravidão da Vontade”. Oferecemos aqui uma edição abreviada dessa obra. Pudemos reter muito do estilo de Lutero, embora não tenhamos seguido sua ordem de apresentação. Começamos por onde Lutero terminou, sumariando a sua posição doutrinária sobre a escravidão da vontade humana. Seguimos com outras seções, onde Lutero apresenta e, em seguida refuta os argumentos de Erasmo.

O estilo de Lutero normalmente nos impeliria a acrescentar certas palavras, toda vez que ele emprega a expressão “livre-arbítrio”. Por exemplo: o livre-arbítrio que você supõe que existe. Entretanto, temos preferido refletir o sentido tencionado por Lutero usando aspas

— “livre-arbítrio”. E, nos capítulos dois, três e quatro, retivemos o discurso direto de Lutero, conservando, tanto quanto possível, a atmosfera de sua obra.

Não incluímos cada argumento utilizado por Lutero, porque, se o fizéssemos, isso ampliaria indevidamente este sumário.

## **INTRODUÇÃO**

Sou o Escriba de Cristo e estou apresentando este livro aos leitores da BIBLIOTECA DO MUNDO porque este é um dos clássicos da teologia reformista, uma das obras do lendário MARTINHO LUTERO a qual o mundo lhe deve a ousadia de enfrentar o sistema corrupto e dominador do seu tempo, desafiando a potencia do papado, compartilho em parte do pensamento de Lutero sobre a graça salvadora, mas quanto ao livre-arbítrio penso como Erasmo de Roterdã. Nesta obra Lutero tenta convencer Erasmo que somos escravos do pecado e ninguém pode decidir a favor da salvação se o mesmo não foi eleito por Deus. A irracionalidade da doutrina da eleição dos protestantes é que por exclusão quem não for eleito por Deus para a salvação, é porque foi eleito por Deus para sofrer eternamente no inferno por vontade exclusiva de Deus. Imagino como uma pessoa pode conciliar a bondade de Deus com a predestinação. Mas darei aos leitores a oportunidade de ler a defesa de Lutero a esta hipótese da não existência do livre-arbítrio.

# CAPÍTULO 1

## O QUE ENSINAVA LUTERO

Argumentos:

1: A culpa universal da humanidade prova que o “livre-arbítrio” é falso

2: O domínio universal do pecado prova que o “livre-arbítrio” é falso

3: O “livre-arbítrio” não pode obter aceitação diante de Deus através da observância da lei moral e cerimonial

4: A lei tem o propósito de conduzir os homens a Cristo, dando-lhes o conhecimento do pecado

5: A doutrina da salvação pela fé em Cristo prova que o “livre-arbítrio” é falso

6: Não há lugar para qualquer idéia de mérito ou recompensa pelas boas obras

7: O “livre-arbítrio” não tem valor porque as obras nada têm a ver com a justiça do homem diante de Deus

8: Uma série de refutações

9: Paulo é absolutamente claro ao refutar o “livre-arbítrio”

10: O estado do homem sem o Espírito de Deus mostra que o “livre-arbítrio” nada pode fazer de natureza espiritual

11: Aqueles que chegam a conhecer a Cristo não pensavam previamente sobre Cristo, nem O buscavam, nem se prepararam para conhecê-Lo.

Argumentos:

12: A salvação para o mundo pecaminoso é pela graça de Cristo, exclusivamente mediante a fé

13: O caso de Nicodemos, no terceiro capítulo de João, opõe-se ao “livre-arbítrio”

14: O “livre-arbítrio” não tem utilidade, pois a salvação vem somente por meio de Cristo

15: O homem é incapaz de crer no evangelho, por isso todos os seus esforços não podem salvá-lo

16: A incredulidade universal prova que o “livre-arbítrio” é falso

17: O poder da carne, mesmo em verdadeiros crentes, mostra a falsidade do “livre-arbítrio”

18: Saber que a salvação não depende do “livre-arbítrio” pode ser muito reconfortante

19: A honra de Deus não pode ser maculada

## ARGUMENTO 1

A CULPA UNIVERSAL DA HUMANIDADE PROVA QUE O “LIVRE-ARBÍTRIO” É FALSO.

Em Romanos 1.18, Paulo ensina que todos os homens, sem qualquer exceção, merecem ser castigados por Deus. “A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça”. Se todos os homens possuem “livre-

arbítrio”, ao mesmo tempo em que todos, sem qualquer exceção, estão debaixo da ira de Deus, segue-se daí que o “livre-arbítrio” os está conduzindo a uma única direção — da “impiedade e da iniquidade”. Portanto, em que o poder do “livre-arbítrio” os está ajudando a fazer o que é certo? Se existe realmente o “livre-arbítrio”, ele não parece ser capaz de ajudar os homens a atingirem a salvação, porquanto os deixa sob a ira de Deus.

Algumas pessoas, no entanto, acusam-me de não seguir bem de perto a Paulo. Eles afirmam que as palavras dele, “contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” não significam que todos os seres humanos, sem exceção, estão culpados aos olhos de Deus. Eles argumentam que o texto dá a entender que algumas pessoas não “detêm a verdade pela injustiça”. Entretanto, Paulo estava usando uma construção de frase tipicamente hebraica, que não deixa dúvida de que ele se referia à impiedade de todos os homens.

Além do mais, notemos o que Paulo escreveu imediatamente antes dessas palavras. No versículo 16, Paulo declara que o evangelho é “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Isso significa que, não fosse o poder de Deus conferido através do evangelho, ninguém teria forças, em si mesmo, para voltar-se para Deus. Paulo prossegue, asseverando que isso tem aplicação tanto aos judeus quanto aos gentios. Os judeus conheciam as leis divinas em seus mínimos detalhes, mas isto não os poupou de estarem debaixo da ira de Deus. Os gentios desfrutavam de admiráveis benefícios culturais, mas isto em nada os aproximava de Deus. Havia judeus e gentios que muito se esforçavam

por acertar a sua situação diante de Deus, mas, apesar de todas as suas vantagens e de seu “livre-arbítrio”, eles fracassaram totalmente. Paulo não hesitou em condenar a todos eles.

Observemos igualmente que, no versículo 17, Paulo diz que “a justiça de Deus se revela”. Assim, Deus mostra a sua retidão aos homens. Mas Ele não é um tolo. Se os homens não precisassem da ajuda divina, Ele não desperdiçaria o seu tempo prestando-lhes tal ajuda. A conversão de qualquer pessoa acontece quando Deus vem até ela e vence-lhe a ignorância ao revelar-lhe a verdade do evangelho. Sem isso, ninguém jamais poderia ser salvo. Ninguém, durante toda a história humana, concebeu por si mesmo a realidade da ira de Deus, conforme ela nos é ensinada nas Escrituras. Ninguém jamais sonhou em estabelecer a paz com Deus por intermédio da vida e da obra de um Salvador singular, o Homem-Deus, Jesus Cristo. De fato, o que ocorre é que os judeus rejeitaram a Cristo, apesar de todo o ensino que lhes foi ministrado por seus profetas. Parece que a justiça própria alcançada por alguns judeus ou gentios os levou a deixarem de buscar a justiça divina através da fé, para fazerem as coisas à sua própria maneira. Portanto, quanto mais o “livre-arbítrio” se esforça, tanto piores tornam-se as coisas.

Não existe um terceiro grupo de pessoas, que se situe em algum ponto entre os crentes e os incrédulos — um grupo de homens capazes de salvarem-se a si mesmos. Judeus e gentios constituem a totalidade da humanidade, e todos eles estão debaixo da ira de Deus. Ninguém tem a capacidade de voltar-se para Deus. Deus precisa tomar a iniciativa e revelar-Se a eles. Se

fosse possível descobrir a verdade por meio do “livre-arbítrio”, certamente algum judeu, em algum lugar, tê-lo-ia feito! Os mais elevados raciocínios dos gentios e os mais intensos esforços dos melhores dentre os judeus (Rm 1.21; 2.23,28,29) não conseguiram aproximá-los nem um pouco sequer da fé em Cristo. Eles eram pecadores condenados juntamente com todos os demais homens. Ora, se todos os homens são possuidores de “livre-arbítrio”, e todos os homens são culpados e estão condenados, então esse suposto “livre-arbítrio” é impotente para conduzi-los à fé em Cristo. Por conseguinte, a vontade dos homens, afinal, não é livre.

## ARGUMENTA 2

### O DOMÍNIO UNIVERSAL DO PECADO PROVA QUE O “LIVRE ARBÍTRIO” É FALSO.

Precisamos permitir que Paulo explique o seu próprio ensinamento. Diz ele em Romanos 3.9: “Que se conclui? Temos nós [os judeus] qualquer vantagem [sobre os gentios]? não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado”.

Não somente são todos os homens, sem qualquer exceção, considerados culpados à vista de Deus, como também são escravos desse mesmo pecado que os torna culpados. Isso inclui os judeus, os quais pensavam que não eram escravos do pecado porque possuíam a lei de Deus. Mas, visto que nem judeus nem gentios têm se mostrado capazes de desvencilharem-se

dessa servidão, torna-se evidente que no homem não há poder que o capacite a praticar o bem.

Esta escravidão universal ao pecado inclui até mesmo aqueles que parecem ser os melhores e mais retos. Não importa o grau de bondade que um homem possa alcançar; isso não é a mesma coisa que possuir o conhecimento de Deus. O que há de mais admirável é sua razão e sua vontade, contudo, é forçoso reconhecer que esta mais nobre porção dos homens está corrompida. Diz Paulo, em Romanos 3.10-12: “Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer”. O significado dessas palavras é perfeitamente claro. Deus é conhecido através da razão e da vontade humana. Porém, nenhum ser humano, somente por sua natureza, conhece a Deus. Precisamos concluir, portanto, que a vontade humana está corrompida e que o homem é totalmente incapaz, por si mesmo, de conhecer a Deus ou de agradá-Lo.

Talvez alguma pessoa audaciosa atreva-se a dizer que somos capazes de fazer mais do que de fato fazemos; porém, o que aqui nos interessa é o que somos capazes de fazer, e não o que estamos ou não estamos fazendo. O trecho das Escrituras citado por Paulo, em Romanos 3.10-12, não nos autoriza a fazer tal distinção. Deus condena tanto a incapacidade pecaminosa dos homens quanto os seus atos corruptos. Se os homens fossem capazes, ainda que o mínimo possível, de movimentarem-se na direção de Deus, não haveria mais qualquer necessidade de Deus salvá-los. Deus permitiria

que os homens salvassem-se a si mesmos. Porém, nenhum é capaz de ao menos tentar fazê-lo.

Em Romanos 3.19, Paulo declara que toda boca se calará diante de Deus, porque ninguém poderá argumentar contra o julgamento divino, visto que nada existe, em pessoa alguma, digno de ser elogiado pelo Senhor — nem ao menos um arbítrio livre para voltar-se espontaneamente para Ele. Se alguém disser: “Tenho uma capacidade própria, ainda que pequena, de voltarem-se para Deus”, esse alguém deve estar querendo dizer que pensa que nele há alguma coisa a qual Deus possa elogiar e não condenar. Sua boca não está calada! Mas tal idéia contradiz as Escrituras.

Deus ordenou que toda boca ficasse calada. Não é apenas certos grupos de pessoas que são culpados diante de Deus. Não apenas os fariseus, dentre o povo israelita, estão condenados. Se isso fosse verdade, então os demais judeus teriam tido alguma capacidade própria para guardar a lei e evitar tornarem-se culpados. Porém, até mesmo os melhores dentre os homens estão condenados por sua impiedade. Estão espiritualmente mortos, da mesma forma que aqueles que, de maneira alguma, procuram guardar a lei de Deus. Todos os homens são ímpios e culpados, e merecem ser punidos por Deus. Essas coisas são tão evidentes que ninguém pode nem mesmo sussurrar uma palavra que as contrarie!

### ARGUMENTO 3

## O “LIVRE-ARBÍTRIO” NÃO PODE OBTER ACEITAÇÃO DIANTE DE DEUS ATRAVÉS DA OBSERVÂNCIA DA LEI MORAL E CERIMONIAL.

Eu argumento que quando Paulo disse em Romanos 3.20,21: “...ninguém será justificado diante dele por obras da lei”, pensou na lei moral (os dez mandamentos), bem como na lei cerimonial. Tem-se generalizado a idéia de que Paulo tinha em mente apenas a lei cerimonial — o ritual de sacrifícios de animais e a adoração no templo. É espantoso que chamem Jerônimo, que criou essa idéia, de santo! Eu o classificaria de forma bem diferente! Jerônimo declarou que a morte de Cristo pôs fim a qualquer possibilidade de alguém ser justificado (ou declarado justo) por meio da observância da lei cerimonial. Mas deixou inteiramente aberta a possibilidade de alguém ser justificado mediante a observância da lei moral, contando apenas com as suas próprias forças, sem a ajuda de Deus.

Minha resposta a isso é que se Paulo referiu-se somente a lei cerimonial, então seu o argumento não tem qualquer significado. Paulo estava afirmando que todos os homens são injustos e necessitados da graça especial de Deus — o amor, a sabedoria e o poder de Deus — por intermédio dos quais Ele nos salva. O resultado da idéia de Jerônimo seria que a graça de Deus é necessária para salvar-nos da lei cerimonial, mas não da lei moral. Todavia, nós não podemos observar a lei moral à parte da graça divina. Você pode intimidar as pessoas para que observem as cerimônias, mas nenhum poder humano pode forçá-las a guardar a lei moral. Paulo estava argumentando que não podemos ser justificados